

# TEXTOS NORTEADORES DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO (GDs)

Os Grupos de Discussão ocorrerão em dois dias – dias 19 e 20 de abril - com duas horas de duração (10h30 às 12h30). Além da leitura, análise e aceite dos trabalhos inscritos a coordenação do GD teve sob sua responsabilidade a elaboração de um texto delineando o perfil e problematizando as questões centrais dos trabalhos inscritos. Esse texto será o norteador das reflexões e discussões do GD, substituindo a mera apresentação individual dos trabalhos.

## **GD Ensino de História, cinema e literatura**

Local: Sala 4107 FaE / UFMG

Marizete Lucini – UFS/SE  
José Valter Castro – SEED/BA

Ao propormos o Grupo de Discussão Ensino de História, Cinema e Literatura intencionávamos discutir e refletir sobre a produção de saberes históricos ou memórias, possibilitados pelos usos de suportes didáticos como cinema, novelas históricas, literatura, cordel, contos, história em quadrinhos, poesias, biografias e documentários, com alunos do Ensino Fundamental, Médio, Superior ou outros grupos em formação, nas diferentes modalidades de ensino, em espaços escolares e não escolares.

O Grupo recebeu trinta e sete (37) e aprovou vinte e seis (26) propostas. Foram aceitos trabalhos que discutem aspectos da narrativa histórica e da narrativa de ficção como gêneros que comunicam experiências temporais, compreendendo os suportes didáticos para além das características documentais. Mais que documento, concebemos o cinema, a literatura, o cordel, os contos, a história em quadrinhos, as poesias, as biografias e os documentários como experiências humanas que podem ser reinterpretadas, permitindo aos leitores/ouvintes, telespectadores e espectadores estabelecerem relações de pertencimento e de identificação com os textos acessados, bem como permitem aos sujeitos do presente, habitar o passado e transformá-lo em memória. Memória que também o constitui como sujeito histórico no presente. Sujeito que ao reinterpretar produz memória e saberes sobre a história.

As ações humanas no tempo constituem o objeto do Ensino de História. Contudo, a narração dessas ações pode ser viabilizada por diferentes suportes como filmes, novelas de época, história em quadrinhos, literatura de cordel, imagens, poesias, documentários, etc. Esse grupo de discussão discutirá o ensino e a aprendizagem da história, a partir do uso dos referidos suportes. Entendemos que para além do livro didático, múltiplas possibilidades de conhecimento podem e devem ser utilizadas ao se ensinar história. A discussão que entendemos como pertinente, tem como base teórica a filosofia de Paul Ricoeur, para quem as histórias humanas merecem ser narradas. Na reflexão que esse autor realiza sobre texto e leitor, há um encontro do leitor com o texto que se processa em um triplo movimento. Assim, ao oferecermos um texto, seja ele filme, imagem, história em quadrinhos, novela de época, literatura de cordel, etc., possibilitamos o encontro de um tempo configurado pela narrativa com as prefigurações de mundo do leitor. Ao acessar a narrativa, esse leitor encontra uma configuração de mundo que é refigurada no encontro entre texto e leitor. É nesse tríplice movimento narrativo que situamos as possibilidades de aprendizagem dos sujeitos que acessam as narrativas que podem ser oferecidas pelo Ensino de História. Portanto, a discussão proposta nesse Grupo de Discussão, objetiva que diferentes experiências realizadas por professores na Educação Básica sejam compartilhadas e possibilitem reflexões que ampliem o campo metodológico de trabalho com o Ensino de História na contemporaneidade. A emergência das novas tecnologias é um dos meios que também precisa ser considerado na preparação e desenvolvimento de aulas de história que colaborem na produção de saberes históricos que são produzidos na relação entre texto e leitor.

Os textos que serão contemplados nos Grupo de Discussão referem-se em sua maioria aos usos de filmes nas aulas de história. Dos 26 trabalhos aceitos, 15 versam sobre cinema e os demais sobre literatura ou outras produções como cordel e mangás.

Nos textos apresentados, observa-se que estão presentes discussões que se referem aos usos da história apresentados nos filmes e ou outros suportes utilizados no Ensino, bem como em relação à produção de curtas. Também estão presentes as questões que se referem à literatura. Poucas reflexões discutem as interpretações possibilitadas pelas narrativas acessadas, demonstrando que esse é um campo que pode ser ampliado nas investigações em desenvolvimento. Ou seja, quais as significações possibilitadas pelos usos do cinema e da literatura as histórias que se contam na escola. Temáticas como a questão de

gênero também aparecem como um campo a ser problematizado nos suportes didáticos utilizados. A história e cultura afro-brasileira e indígena presentes em filmes e na literatura são outros temas abordados, possibilitando-nos pensar a história em relação a outras sensibilidades, mais significativas aos sujeitos, porque nos fala de nossa historicidade, daquilo que vivenciamos cotidianamente na escola e fora dela.

Assim, como indicado por um dos trabalhos aceitos, o uso do cinema e da literatura no ensino nos possibilita “refletir não apenas sobre o uso de filmes na aula de história, mas, mais especificamente, pensar sobre as potencialidades do uso de filmes de animação como recurso didático” (COSTA, 2015, p. 1).

A afirmação nos leva a pensar se as potencialidades do uso de filmes e literatura podem restringir-se a um recurso didático. Quais as potencialidades que os filmes, os romances, as histórias em quadrinho, os cordéis, os mangás, as minisséries televisivas contêm.

A possibilidade que emerge não estaria em refletirmos sobre os usos da História Pública na atualidade e suas convergências e divergências com a História ensinada em sala de aula?

Há uma História presente nas ruas, nos nomes de praças, nos monumentos, no nome das escolas, nas telenovelas, nos filmes, na propaganda e até em lojas que se dedicam a vender objetos antigos para decoração ou mesmo para outros usos. Isso nos remete a pensar sobre o que fazemos e o que podemos fazer em relação ao passado vivido no presente. Passado que é presente, mas que se transforma em memória produzida para o presente. Que memória é essa e como ela nos chega? Quem a produz? Que relações estabelecemos entre essa memória produzida e o ensino de história?

Muitas das reflexões realizadas nos trabalhos nos permitem conhecer experiências desenvolvidas em sala de aula por professores ou por bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência, permitindo que realizemos reflexões sobre a prática docente, no sentido de compreender a relação entre a formação do professor e sua atuação na constituição dos saberes e das práticas do ensino de História com o uso do cinema e de outros suportes didáticos.

Também são expressas as dificuldades vivenciadas no trabalho em sala de aula e a necessidade de repensarmos as práticas docentes a luz das novas tecnologias, como uma das possibilidades de despertar nos alunos o interesse pela História.

Compete-nos questionar como o professor de História pode movimentar-se mediante as novas tecnologias e seus usos para o Ensino de História. Para tanto, talvez seja necessário pensar na relação dos jovens com a História. Relação que implica em olhar para o jovem considerando esse universo globalizado que está presente em seu cotidiano através das tecnologias disponíveis. Tecnologias que possibilitam conhecer a História Pública que está disponível em rede à todos que a ela tiverem acesso.

Ao mesmo tempo em que essas novas tecnologias estão disponíveis à todos, convém pensarmos em qual História está sendo disponibilizada e como esses jovens significam as histórias que acessam. Que ferramentas eles possuem para discernir o que de fato é História? Qual é o papel do professor de História mediante as histórias disponibilizadas na rede mundial de computadores?

Parece-nos que muitas questões emergem dos trabalhos apresentados e podem contribuir de maneira significativa para pensarmos outras formas de contar histórias. E é esse o convite que permanece: conversar sobre as histórias que contamos e que nos contam sobre nós mesmos (Paul Ricoeur).